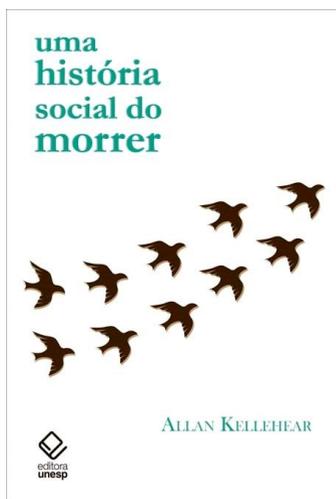


## RESENHAS

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i29.37666>

KELLEHEAR, Allan. *Uma história social do morrer*. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. I.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2016, 538 p. ISBN 9788539306312

Recebido em 02/07/2017 - Aprovado em 07/07/2017



### *O percurso histórico e social das práticas em torno do morrer*

Thiago Rodrigues Tavares <sup>1</sup>  
Vanessa Gomes de Castro <sup>2</sup>

No livro “Uma História Social do Morrer”, o médico e sociólogo Allan Kellehear realiza um exame vasto e profundo da história humana dos fins. O autor busca identificar e descrever os arquétipos fundamentais do morrer no decorrer da história da humanidade, destacando que as formas de lidar com o fim não são as mesmas, variando conforme a época, a sociedade, a cultura, etc. Para tanto, Kellehear (2016) realiza um levantamento bibliográfico, transitando por pesquisas em diversos campos da ciência, tais como Arqueologia, Etnografia, Antropologia, Sociologia, Psicologia, História, Economia e Ciências Médicas. O presente trabalho foi publicado em 2007 – *A Social History of Dying* – chegando ao Brasil no ano de 2016, com tradução de Luiz Antônio de Araújo, pela editora UNESP.

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: [thiagor.tavares@yahoo.com.br](mailto:thiagor.tavares@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: [vadecastro@hotmail.com](mailto:vadecastro@hotmail.com).

Kellehear (2016) realiza um trabalho árduo, a partir de um recorte histórico extenso, que visa dar conta das práticas em torno da morte ao longo de milhares de anos, desde a pré-história até o mundo contemporâneo. Embora o recorte temporal possa gerar discordâncias ou críticas, o livro é um importante exercício de imaginação sociológica, que questiona as diferentes práticas, expressões e representações de um processo social, que é o morrer. De acordo com o autor, os comportamentos atuais em torno do morrer foram construídos progressivamente ao longo de milhares de anos, sendo um amálgama de atributos herdados de diferentes tradições pré-históricas, rurais e urbanas.

Buscando compreender a experiência moderna do morrer, Kellehear (2016) parte de um contexto amplo, retornando aos primórdios, para então alcançar o período contemporâneo. O livro é dividido em quatro partes: A Idade da Pedra; A Idade Pastoral; A Era da Cidade; A Idade Cosmopolita. Cada parte é composta por três capítulos, que descrevem cada um desses períodos históricos, sintetizando os aspectos econômicos e culturais dominantes, responsáveis pelos padrões de saúde, doença e morte. Os capítulos também descrevem a forma dominante do morrer em cada época, com suas características morais e culturais, bem como os modos de conduta. Somado a isso, o autor apresenta o pensamento cultural ou a psicologia social por trás das maneiras como os morrentes e o entorno se comportam. Em todos os períodos, o morrer oferece desafios próprios e reações obrigatórias. Os estilos de morrer estariam ancorados nos modos de viver, determinados por seus ambientes físicos, econômicos, políticos, sociais e culturais (KELLEHEAR, 2016).

Segundo o autor, na Idade da Pedra, as pessoas acreditavam que a morte seria outro tipo de vida, outro lugar. A partir de estudos arqueológicos, análise de pinturas rupestres e de locais de enterros intencionais e/ou simbólicos, percebe-se que os nossos antigos ancestrais já se esforçavam, como nós ainda fazemos, para dar algum sentido à morte e ao morrer. Ao observar a Idade da Pedra, Kellehear (2016) destaca alguns elementos essenciais para entender a experiência das pessoas com a morte nesse período. De acordo com o autor, na Idade da Pedra, a morte era repentina, mas não necessariamente inesperada. O acidente, o trauma e a predação humana ocorriam com pouco ou nenhum aviso, deixando tempo escasso ou nulo para reflexão e preparação. Desta forma, com poucas oportunidades para vivenciar a pré-morte, a experiência do morrer é deslocada, provavelmente, para uma experiência pós-morte. Assim, o destino da pessoa era decidido e negociado pelos outros após sua morte. A principal preocupação dos caçadores-coletores era maximizar as condições do morrente no que tange ao sucesso em suas difíceis e atemorizantes provas ultravida. Nesse momento, surge o primeiro e talvez o mais importante atributo duradouro do morrer humano: a antecipação de uma existência além da morte biológica, ou seja, de uma ultravida.

Na Idade Pastoral, momento da história em que ocorre a ascensão dos primeiros agricultores e camponeses, o morrer se dá de forma gradual, em virtude de um paradoxo singular: o aumento da sobrevivência e da expectativa de vida em meio às diversas epidemias, como tuberculose, peste bubônica, sarampo e outras mais. A partir da domesticação de plantas e animais e, em seguida, com o desenvolvimento da agricultura

que foi possível aos nossos antepassados abandonarem o nomadismo e estabelecerem acampamentos permanentes ou semipermanentes. Essa passagem de uma existência caçadora-coletora para a pastorícia e agrícola foi um processo gradual, possivelmente dependendo de uma combinação de diferentes fatores. A partir do momento em que as pessoas deixaram de percorrer a paisagem para se fixar na atividade agrícola, há uma deterioração geral das condições de vida com o aumento constante das doenças infecciosas e parasíticas. A coabitação com animais foi o grande problema epidemiológico do período. Os animais domesticados, como vacas, cavalos, porcos e galinhas, tinham grande proximidade com os seres humanos, o que estimulava e incubava uma transferência de agentes patogênicos.

Com as epidemias da sociedade pastoril, a maioria das pessoas podia ver a morte chegar. Esse é um fato que distingue a Idade Pastoril da Idade da Pedra. Pela primeira vez na história humana, os morrentes podiam tomar parte ativa nesse período breve e final da vida. As doenças infecciosas, durante muitos anos de vida comunitária, possibilitaram reconhecimentos de padrões e sintomas, o que permitia às comunidades e aos indivíduos compreender e transmitir o conhecimento em torno da morte quando essa se aproximava, aplicando esse conhecimento ao seu próprio caso e também ao dos familiares. Assim, em virtude de diversas doenças que matavam lentamente, os morrentes e os espectadores tinham algum tempo juntos para conversar, rezar, ritualizar e, por vezes, buscar uma resistência nos momentos finais. Pela primeira vez na história, os morredidos passavam a ter voz ativa sobre as coisas que deveriam acompanhá-los: que armas ou objetos de estimação desejavam “levar” consigo. Puderam também expressar a preferência pelo local de sepultamento.

Assim, na sociedade pastoril, surge a possibilidade de um maior controle em torno do morrer, emergindo com isso um conjunto de obrigações morais entre aqueles que estão em volta do moribundo. Temos aqui o nascimento da “boa morte”. A boa morte é um morrer moral e, em tal contexto, um modelo conservador de comportamento, concebido e sancionado pela sociedade, a fim de harmonizar e afirmar os valores sociais então dominantes. A boa morte representa os valores políticos e religiosos vigentes, em que os últimos atos do moribundo estavam sujeitos às pressões modeladoras daquela sociedade. Desta forma, o morrer, enquanto uma crise pública, estava sujeito à pressão para que as pessoas mantivessem o *script* social tanto quanto possível até o último suspiro.

Na Era da Cidade, o autor destaca a ascensão e a propagação das cidades. Sua ênfase inicial recai sobre o período que possibilitou o processo de gentrificação, especialmente na Europa, devido ao mercantilismo, à expansão colonial e à Revolução Industrial. O processo de gentrificação transformou as relações sociais, com a intensificação das moradias nos centros urbanos, a mudança dos tipos de trabalho e a constituição de uma classe média. É com o surgimento desta última que se dá a aparição do hábito social de conseguir alguém que realize o trabalho ou forneça serviços que facilitem e melhorem as experiências sociais. Nesse processo, três profissões foram fundamentais para uma nova perspectiva em torno do morrer: o médico, o sacerdote e o advogado. Esses profissionais modificaram a boa morte da Idade Pastoril, em uma

experiência administrada. As profissões relacionadas ao meio urbano ocuparam o espaço dos padres e clérigos, que, por fim, tiveram que se restringir a questões morais e espirituais (KELLEHEAR, 2016).

O autor enfatiza a classe média, pois, nos últimos cem anos, esse grupo começou a dominar os valores e o estilo de vida em todos os países industriais importantes. Para Kellehear (2016), esse grupo teria como característica a ansiedade, atributo que transformou o sentido da boa morte do mundo pastoril. A ansiedade está relacionada ao individualismo e, conseqüentemente, ao desejo por resolver seus próprios problemas e, assim, o caminho do morrer torna-se solitário e carregado de ansiedade. Nas sociedades urbanas e industriais, o destino de cada um depende mais do seu sucesso pessoal do que das redes comunitárias ou de parentesco existentes nas aldeias e nos meios rurais. Pela perspectiva da ansiosa classe média, o morrer não poderia ser considerado “bom”, caso a intensidade do sofrimento retirasse toda a dignidade das pessoas antes do fim e se elas perdessem parte dos valores constituintes da sua personalidade. Na conjuntura da morte bem administrada, o moribundo assume o controle sobre os seus negócios tanto quanto humanamente possível, na busca por dirigir e moldar o morrer de acordo com o seu desejo individual. Contudo, havendo consideração e respeito aos argumentos da família e da religião, as reciprocidades são decididas por cada morrente individual. Além do mais, em uma sociedade que receava uma passagem difícil, a morte bem administrada tornou-se uma possibilidade de domar a morte. O ato de domar a morte teve início com a classe média e depois se alastrou à medida que a modernidade se disseminava à sua imagem. Essa veio a ser a nossa herança moderna.

Assim, na Idade Cosmopolita, os valores individuais se fortalecem. É o momento em que as transformações ocorrem de forma ágil, quando as informações e notícias circulam de forma praticamente instantânea, contendo grande potencial para alterar o nosso modo de pensar. Nesse período, todos os limites públicos e pessoais – classes sociais, hábitos ou valores – são questionados. A modernidade marca também uma melhora no saneamento básico e nas redes de saúde pública, e, dessa forma, as pessoas vivem mais, embora isso não aconteça de maneira homogênea. Os mais instruídos e de maior poder aquisitivo têm mais possibilidade de acesso à informação e aos serviços de apoio médico e tecnológico.

Ao pensar o morrer na Idade Cosmopolita, o autor se preocupa principalmente com dois grupos que são estigmatizados. Primeiramente, focam-se os grupos que vivenciam formas de morrer que são consideradas indignas, principalmente os idosos que, muitas vezes, são internados em casas de repouso, perdendo seus lares, o círculo de amizade, a privacidade, a autonomia e, por vezes, os direitos civis. Nesses casos, a morte social antecede a morte do próprio corpo. O segundo grupo é formado por portadores do HIV. O estigma social em relação a AIDS faz com que essas pessoas enfrentem barreiras em relação à conexão social e à aceitação. Em países industrializados, o vírus é frequentemente associado à homossexualidade, ao tráfico de drogas e ao crime. Em países onde o saber tradicional tem representatividade, o estigma e a vergonha também estão presentes, e a morte na juventude (prematura) é considerada antinatural, ao contrário da natural que deve ocorrer na velhice. Assim, a morte muitas vezes é

relacionada a magia, bruxaria e feitiço. De um modo ou de outro, o morrer na Idade Cosmopolita vem sendo transformado cada vez mais em uma experiência oculta e inoportuna. Nesse período, há um viver sem apoio e um morrer amiúde irreconhecível. Nesse espaço de tempo, o desejo de evitar a morte gera uma obsessão pelo *timing*. O desejo pelo instante certo da morte – *timing* – se intensifica no medo de perder o controle desse momento único e derradeiro presente no fim da vida de cada indivíduo.

Em “Uma História Social do Morrer”, observa-se que a experiência do morrer passou a ser publicamente controlada e definida, ao mesmo tempo em que se tornou gradativamente mais privada. No início, com a expectativa pela jornada além-mundo, a passagem do falecimento era pública, a partir de cerimônias de transição que envolviam toda a comunidade. No período da boa morte, existe um significativo componente público, há obrigações com parte da comunidade com a qual a pessoa conviveu. No morrer bem administrado, a maior parte do processo é privado, o leito da morte tem menor participação da família e é marcado pela presença dos profissionais, tais como médicos, religiosos, consultores jurídicos ou cuidadores. Na Idade Cosmopolita, o reconhecimento e até mesmo a definição da morte fazem parte de organizações formais como as casas de repouso ou mesmo os governos. Dessa forma, as prioridades políticas e a institucionalização do morrer eliminam fisicamente as pessoas e fazem com que grande parte do morrer seja escondido da sociedade.

Assim, segundo Kellehear (2016), em todos os tempos, o que nos diferencia dos outros animais é a antecipação da chegada da morte e a reflexão sobre os seus possíveis significados ou, ainda, a contemplação da possibilidade de que a própria morte tenha significados além dos restos físicos. Esses diferenciais seriam justamente os responsáveis pela experiência social do morrer.